



CÂMARA DOS DEPUTADOS

***PROJETO DE LEI N.º 6.808, DE 2017**
(Do Sr. Antonio Carlos Mendes Thame)

Dispõe sobre a regulamentação do exercício profissional de Designer e dá outras providências.

DESPACHO:

ÀS COMISSÕES DE:

TRABALHO, DE ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇO PÚBLICO; E
CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA (ART. 54 RICD).

APRECIÇÃO:

Proposição Sujeita à Apreciação Conclusiva pelas Comissões - Art. 24 II

SUMÁRIO

I - Projeto inicial

II - Projeto apensado: 7520/17.

(* Atualizado em 24/5/17 para inclusão de apensado.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

CAPÍTULO I

DA CARACTERIZAÇÃO E ATRIBUIÇÕES PROFISSIONAIS

Art. 1º É livre o exercício da profissão de Designer, observadas as disposições desta Lei.

Art. 2º Designer é, para os fins desta Lei, todo aquele que desempenha atividade especializada de caráter técnico-científico, criativo e artístico para a elaboração de projetos de design passíveis de seriação ou industrialização que atendam, tanto no aspecto de uso quanto no aspecto de percepção, necessidades materiais e de informação visual.

Parágrafo único. Para fins do estabelecido no caput, projetos de design podem ser tanto sistemas quanto produtos ou mensagens visuais em que o profissional equaciona dados de natureza ambiental, cultural, econômica, ergonômica, estética, social e tecnológica para responder concreta e racionalmente às necessidades do usuário.

Art. 3º É assegurado o exercício da profissão de Designer, observadas as condições de capacidade e exigências estabelecidas neste artigo:

I - aos que possuem diploma de graduação plena ou graduação tecnológica, emitidos por cursos de Design ou pelos cursos de Comunicação Visual, Desenho Industrial, Programação Visual, Projeto de Produto, Design Gráfico, Design Industrial, Design de Moda e Design de Produto, devidamente registrados e reconhecidos pelo Ministério da Educação;

II - aos que comprovarem o exercício da profissão por período superior a 3 (três) anos até a data da publicação desta Lei;

III - aos que possuam devidamente revalidado e registrado no País diploma de instituições estrangeiras de ensino superior de Design ou os que tenham esse exercício amparado por convênios internacionais de intercâmbio.

Parágrafo único. Fica estabelecido o registro da profissão, a contar da data de regulamentação desta Lei, para aqueles que atendam às exigências previstas neste artigo.

Art. 4º São atribuições do designer:

I - planejamento e projeto de sistemas, produtos, ou mensagens visuais ligados aos respectivos processos de produção industrial, objetivando assegurar sua

funcionalidade ergonômica, sua correta utilização, sua qualidade técnica, sua estética e sua racionalização estrutural;

II - projetos, aperfeiçoamento, formulação, reformulação e elaboração de desenhos industriais ou sistemas visuais sob a forma de desenhos, diagramas, memoriais, maquetes, artes finais digitais, protótipos e outras formas de representação bi e tridimensionais;

III - estudos, projetos, análises, avaliações, vistorias, perícias, pareceres e divulgação de caráter técnico-científico ou cultural no âmbito de sua formação profissional;

IV - pesquisas e ensaios e experimentações em seu campo de atividade e em campos correlatos, quando atuar em equipes multidisciplinares;

V - desempenho de cargos e funções em entidades públicas e privadas cujas atividades envolvam desenvolvimento e/ou gestão na área de design;

VI - coordenação, direção, fiscalização, orientação, consultoria, assessoria e execução de serviços ou assuntos de seu campo de atividade;

VII - exercício do magistério em disciplinas em que o profissional esteja adequadamente habilitado;

VIII - desempenho de cargos, funções e comissões em entidades estatais, paraestatais, autárquicas, de economia mista e de economia privada.

IX - Cada uma das atribuições acima enumeradas poderão também ser individualmente exercidas por profissionais com outras formações que desempenhem atividades na área de design.

CAPÍTULO II

DO USO DO TÍTULO PROFISSIONAL

Art. 5º A denominação designer é reservada aos profissionais que atendam às exigências previstas no art. 3º desta Lei.

Art. 6º A expressão design só poderá constar da denominação de sociedade não empresária ou simples de prestação de serviços cuja diretoria for composta, em sua maioria, por designers conforme definido nesta Lei.

CAPÍTULO III

DO EXERCÍCIO ILEGAL DA PROFISSÃO

Art. 7º A partir da entrada em vigor desta Lei, a pessoa física ou jurídica que usar a denominação designer ou empresa de design sem cumprir os critérios acima estabelecidos estará sujeita a advertência, após denúncia ao órgão fiscalizador, com um prazo de 180 (cento e oitenta) dias para regularizar sua situação. Esgotado esse prazo, a pessoa ou empresa que permaneça em desacordo com esta Lei estará sujeita às sanções previstas no Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941.

Parágrafo único. Não se considera exercício ilegal da profissão a atividade de projeto de design por outra categoria de profissionais, desde que mantenham sua denominação profissional original.

CAPÍTULO IV

DA RESPONSABILIDADE E AUTORIA

Art. 8º Para efeitos legais, os projetos de design serão considerados obras intelectuais nos termos da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 – Lei de Direito Autoral, vigente no País.

Art. 9º A responsabilidade legal sobre o projeto de design, respeitadas as relações contratuais expressas entre o autor e outros interessados, deve seguir o que estabelece a legislação específica.

CAPÍTULO V

DA FISCALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO

Art. 10. Os profissionais que preenchem os requisitos previstos nesta Lei ficam obrigados ao registro no Ministério do Trabalho e Emprego.

Art. 11. A pessoa física e jurídica de que trata esta Lei responde administrativa, civil e penalmente pelos danos causados em decorrência do exercício da atividade profissional.

CAPÍTULO VI

DO REGISTRO PROFISSIONAL E DA VIGÊNCIA

Art. 12. Os profissionais habilitados na forma desta Lei somente poderão exercer a profissão após registro no Ministério do Trabalho e Emprego.

Art. 13. Aos profissionais registrados será fornecida carteira profissional, contendo o número de registro, a natureza do título e demais elementos necessários à sua identificação.

Art. 14. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

A regulamentação do designer interessa, em primeira instância, ao poder público. É ele que necessita do design como fator de agregação de valor a produtos ou mensagens. Sem uma regulamentação, sem um registro profissional, o poder público, seja municipal, estadual ou federal, ou mesmo as empresas paraestatais não pode comprar design por meio de licitação ou concorrência pública, como preconiza a Lei nº 8.666. Se o poder público tiver que fazer uma concorrência ou uma licitação específica que se destine aos designers, ou a empresas de design, não tem como fazer isso já que a Lei das Licitações diz que a única maneira de caracterizar uma profissão é pelo seu registro profissional. Com isso os governos não podem contratar designers por concorrência pública, seja para projetos de identidade visual, sinalização pública de qualquer tipo, para o desenvolvimento de projetos de mobiliário escolar ou hospitalar ou mesmo para projetos de mobiliário urbano ou equipamentos públicos como trens de metrô ou ônibus escolares. Todos esses são projetos de design que tem interesse da sociedade como um todo.

Além disso, a produção de bens materiais com design é em última instância um fator estratégico, pois produtos com maior valor agregado significam maior arrecadação e a conquista de mercados externos e de moeda forte com a substituição de exportações de comanditeis. Isso já foi reconhecido por todos os países emergentes que concorrem com o Brasil nos mercados internacionais.

A regulamentação interessa ao usuário final, o consumidor do produto, qualquer que seja o projeto bi ou tridimensional. Tudo o que produzimos e que tem contato com o público necessita de um responsável. Por não ser regulamentado o designer não é tecnicamente responsável pelo que produz, seja um site, uma cadeira ou um posto de trabalho que controle uma ponte rolante.

A consequência disto é que sem um registro profissional não é possível ao designer emitir uma ART, a Anotação de Responsabilidade Técnica, documento necessário pela nossa legislação para que, por exemplo, determinados produtos sejam aceitos em licitações ou em compras públicas onde haja risco para os seus usuários finais. Perante o Código do Consumidor o designer não pode ser responsabilizado pelo seu projeto, mesmo que este tenha defeitos ou ocasione danos ao seu usuário. A “não regulamentação” dos designers os impede de proporcionar condições de controle ao exercício da profissão, resguardando a saúde e a vida da população como preconiza o Ministério do Trabalho e do Emprego, nas diretrizes que propõe para justificar regulamentações futuras.

A regulamentação interessa aos empresários e a classe produtiva, pois o design é uma atividade de alto risco e de importância estratégica. Com algum tipo de

fiscalização ele pode se garantir de estar recebendo o melhor de um profissional. Com isso reduz o seu risco ao mínimo necessário, especialmente em termos de investimento, tendo a quem recorrer em caso incompetência e de má conduta profissional. Com a proliferação de cursos no país, mais de 380 faculdades, deve haver obrigatoriamente uma instancia de verificação da competência mínima necessária ao exercício da profissão. Design está entre as áreas que têm especificidades técnicas que precisavam ser avaliadas por especialistas na área, semelhante a carreiras como a dos arquitetos ou dos engenheiros.

Portanto o Design não é uma profissão nova. Essa sacrificada profissão continua sem este instrumento fundamental de exercício, legitimação e reconhecimento que é a Regulamentação dos Designers. Sem essa regulamentação, o profissional não pode assinar seus próprios projetos, ser contratado por órgãos públicos e alguns concursos exigem um arquiteto junto para assinar em seu lugar. Também não pode participar de licitações, pregões e tantas outras oportunidades de mercado.

Por fim, destaco que a presente proposição foi apresentada anteriormente na Câmara dos Deputados, em 2011, pelo ilustre deputado José Luiz Penna (PV/SP), na forma do Projeto de Lei n.º 1.391, de 2011, em razão das inúmeras dificuldades e problemas enfrentados pelos profissionais que atuam na área de designer em todo o território nacional.

À luz de todo o exposto, solicito aos nobres pares o apoio necessário à célere aprovação da presente proposição, lembrando que esta providência, em nível internacional, já foi efetivada na década de 70, tanto pelos Estados Unidos como pela Europa.

Sala das Sessões, em 2 de fevereiro de 2017.

Deputado Antonio Carlos Mendes Thame
PV/SP

<p>LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA PELA Coordenação de Organização da Informação Legislativa - CELEG Serviço de Tratamento da Informação Legislativa - SETIL Seção de Legislação Citada - SELEC</p>

DECRETO-LEI Nº 3.688, DE 3 DE OUTUBRO DE 1941

Lei das Contravenções Penais

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 180 da Constituição,

DECRETA:

LEI DAS CONTRAVENÇÕES PENAIS

PARTE GERAL

Aplicação das regras gerais do Código Penal

Art. 1º Aplicam-se as contravenções às regras gerais do Código Penal, sempre que a presente lei não disponha de modo diverso.

Territorialidade

Art. 2º A lei brasileira só é aplicável à contravenção praticada no território nacional.

.....

.....

LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

TÍTULO I DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei regula os direitos autorais, entendendo-se sob esta denominação os direitos de autor e os que lhes são conexos.

Art. 2º Os estrangeiros domiciliados no exterior gozarão da proteção assegurada nos acordos, convenções e tratados em vigor no Brasil.

Parágrafo único. Aplica-se o disposto nesta Lei aos nacionais ou pessoas domiciliadas em país que assegure aos brasileiros ou pessoas domiciliadas no Brasil a reciprocidade na proteção aos direitos autorais ou equivalentes.

.....

.....

LEI Nº 8.666, DE 21 DE JUNHO DE 1993

Regulamenta o art. 37, inciso XXI, da Constituição Federal, institui normas para licitações e contratos da Administração Pública e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Seção I Dos Princípios

Art. 1º Esta Lei estabelece normas gerais sobre licitações e contratos administrativos pertinentes a obras, serviços, inclusive de publicidade, compras, alienações e locações no âmbito dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Parágrafo único. Subordinam-se ao regime desta Lei, além dos órgãos da Administração direta, os fundos especiais, as autarquias, as fundações públicas, as empresas públicas, as sociedades de economia mista e demais entidades controladas direta ou indiretamente pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios.

Art. 2º As obras, serviços, inclusive de publicidade, compras, alienações, concessões, permissões e locações da Administração Pública, quando contratadas com terceiros, serão necessariamente precedidas de licitação, ressalvadas as hipóteses previstas nesta Lei.

Parágrafo único. Para os fins desta Lei, considera-se contrato todo e qualquer ajuste entre órgãos ou entidades da Administração Pública e particulares, em que haja um acordo de vontade para a formação de vínculo e a estipulação de obrigações recíprocas, seja qual for a denominação utilizada.

.....
.....

PROJETO DE LEI N.º 7.520, DE 2017 **(Do Sr. Roberto Sales)**

Dispõe sobre o exercício da atividade de Design Gráfico.

<p>DESPACHO: APENSE-SE AO PL-6808/2017.</p>
--

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º *Design* Gráfico é a atividade especializada de caráter técnico-científico, criativa e artística cujo objetivo é estabelecer as qualidades multifacetadas de processos, produtos, mensagens visuais, serviços e seus sistemas, passíveis de seriação, informação ou industrialização, de interesse público ou privado.

Art. 2º São atividades de *Design* Gráfico:

I – planejar e projetar sistemas, produtos, ou mensagens visuais relativos aos respectivos processos de produção industrial objetivando assegurar

sua funcionalidade ergonômica, correta utilização, qualidade técnica e estética e racionalização estruturais referentes ao processo produtivo;

II – planejar, aperfeiçoar, formular, reformular e elaborar desenhos industriais ou sistemas visuais sob a forma de desenhos, diagramas, memoriais, maquetes, artes finais digitais, protótipos e outras formas de representação bi e tridimensionais;

III – estudar, projetar, analisar, avaliar, vistoriar, periciar e dar pareceres de caráter técnico-científico ou cultural no âmbito de sua formação profissional;

IV – elaborar pesquisas, ensaios, experimentações em seu campo de atividade e em campos correlatos, quando atuar em equipes multidisciplinares;

V – produzir projetos de sinalização ambiental, na forma de signos de advertência, pictogramas, setas e tipografias específicas e de cores;

VI – desempenhar cargos e funções nas entidades públicas e privadas cujas atividades envolvam desenvolvimento ou gestão na área de *design*;

VII – coordenar, dirigir, fiscalizar, orientar, dar consultoria e assessoria sobre os serviços ou assuntos de seu campo de atividade;

VIII – exercer o magistério em disciplinas em que o profissional *designer* esteja adequadamente habilitado.

Art. 3º A denominação *Designer* Gráfico será utilizada exclusivamente pelos profissionais que:

I – possuam diploma de graduação plena e graduação tecnológica, emitidos por cursos de *Design* devidamente registrados e reconhecidos pelo Ministério da Educação;

II – comprovem o exercício da atividade de *Design* Gráfico por período superior a 5 (cinco) anos até a data da publicação desta Lei;

III – possuam diploma de instituições estrangeiras de ensino superior de *Design* devidamente revalidado e registrado no País;

IV – tenham o exercício da atividade de *Design* Gráfico amparado por convênios internacionais de intercâmbio.

Parágrafo único. A formação exigida para o uso da denominação *Designer* Gráfico inclui outras congêneres de Comunicação Visual, Desenho Industrial, Programação Visual, Design Gráfico, Design Industrial, Design de Embalagem, Design Editorial, Design Digital, Design de Interação, Design de Games, Design de Sinalização, Web Design, entre outras correlatas.

Art. 4º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

O presente projeto tem a finalidade de regulamentar o exercício da atividade de *design* gráfico pelos profissionais habilitados no País e no exterior, tanto pela sua formação acadêmica quanto pela sua experiência profissional na atividade.

Com a nossa proposta não queremos assegurar reserva no mercado de trabalho aos profissionais com qualificação acadêmica específica, contribuindo ainda mais para o aumento do desemprego que assola o País. Nosso objetivo com relação aos profissionais do ramo é que a denominação de *Designer* Gráfico seja atribuída apenas aos profissionais com a formação específica para tal, nos termos da redação do art. 3º deste projeto.

Assim, qualquer pessoa, com a habilidade exigida, poderá exercer a atividade de *design* gráfico, sem, contudo, utilizar a denominação profissional de *designer* gráfico.

O *design* tem papel fundamental como elo integrador entre a indústria e o mercado. A inexistência de regulamentação do exercício da atividade impossibilita a inserção do *design* como fator potencial de competitividade na agenda estratégica da economia nacional. E é evidenciada uma correlação entre a balança comercial positiva de um setor e seu alto grau de investimento em *design*.

O primeiro curso superior de *design* na América do Sul foi criado no Rio de Janeiro há mais de 50 anos, em 1962, na Escola Superior de Desenho Industrial, hoje integrante da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. A capital fluminense também teve o primeiro Mestrado em *design* da América Latina (1994) e o primeiro Doutorado em *design* (2003) do país, ambos na Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A regulamentação da atividade se justifica na medida em que o seu exercício indevido pode causar risco à saúde e à segurança da população. Como por exemplo, nas seguintes hipóteses:

- Sinalização ambiental ou *design* de sinalização. O domínio de técnicas para desenvolvimento de signos de advertência, pictogramas, setas, tipografia específica e de cores são códigos visuais que proporcionam o rápido entendimento das informações e traduzem a hierarquia orientadora, necessária ao usuário do espaço em questão. Ela é necessária, portanto, quando a arquitetura do lugar é deficiente em mostrar por si só os caminhos ou a finalidade dos espaços. A sinalização tem caráter de informar além do que se vê, propor decisões em tempo hábil, alertar para a segurança do espaço e ainda conferir uma identidade ao lugar, a depender dos grafismos e dos suportes instalados. Um relevante campo de projetos de sinalização geralmente negligenciado é justamente a sinalização de trânsito, forma pela qual se regula, adverte, orienta, informa, controla a circulação de veículos e pedestres nas vias terrestres;
- *Design* de embalagens. Instruções mal dimensionadas (para leitura por pessoas mais velhas ou de baixa acuidade visual) e rótulos que confundem o consumidor levando-o a comprar outros produtos (o que pode ser fatal no caso de medicamentos e alimentos) são apenas os mais visíveis problemas que uma embalagem pode conter. O banco de dados do Inmetro relacionado a acidentes de consumo aponta que ferir a mão na hora de abrir as embalagens é um acidente frequentemente narrado pelos usuários. Esse banco de dados faz parte de um sistema de monitoramento de acidente de consumo, em funcionamento desde outubro de 2006. Erros de *design* em embalagens de medicamentos podem causar altos riscos aos usuários: por exemplo, um dosador mal dimensionado, que resulte em problemas de precisão na dosagem, poderá causar intoxicações medicamentosas.

Diante da importância da atividade e da necessidade de reconhecimento legal de sua atuação, fomos demandados nesse sentido pelo Movimento de Designers do Brasil (MDB), sediada na cidade Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Essa entidade foi quem teve a iniciativa de nos solicitar a apresentação do presente projeto de lei específico da atividade de *design* gráfico, visto que já há projeto de lei tramitando, nesta Casa, sobre a regulamentação do exercício profissional do *Designer*.

Além do Movimento de Designers do Brasil (MDB), há inúmeras entidades que atuam na proteção e na representação dos *designers* gráficos no País, das quais podemos citar: Associação Brasileira de Empresas de *Design* (Abedesign), Associação Catarinense de *Design* (SCDesign), Associação dos *Designers* Gráficos (ADG Brasil), Associação dos *Designers* Gráficos do Distrito Federal (Adegraf), Associação dos Profissionais em *Design* do Rio Grande do Sul

(ApDesign), Associação das Empresas e Profissionais de *Design* do Paraná (ProDesign-PR), Centro Brasileiro de *Design* Industrial (CBDI), Centro Brasil *Design* (CBD) e Sociedade Brasileira de *Design* da Informação (SBDI).

Estudos e orientações, especificamente dos membros do Movimento de Designers do Brasil (MDB), foram fundamentais na elaboração desse projeto, principalmente com relação à formação exigida para que o profissional tenha direito à denominação de *designer* gráfico e à justificação.

Essas são as razões pelas quais pedimos o apoio dos Ilustres Pares para a aprovação do presente projeto de lei.

Sala das Sessões, em 27 de abril de 2017.

Deputado **ROBERTO SALES**
PRB/RJ

FIM DO DOCUMENTO
